



Imagem de capa do livro
Galeria de Arte São Luís: 1959-1966,
de José Armando Pereira da Silva

LIVRO
**HISTÓRIAS DA GALERIA
SÃO LUÍS: UMA VOLTA
NO TEMPO**
ANNATERESA FABRIS – ABCA/SÃO PAULO

RESUMO: Este artigo apresenta o livro que José Armando Pereira da Silva dedica à Galeria São Luís, que atuou em São Paulo entre 1959 e 1966. Além de uma introdução, na qual contextualiza a ação da galeria, o autor dedica fichas analíticas a cada exposição, constituindo um panorama bastante variado das tendências artísticas e da crítica da arte do momento.

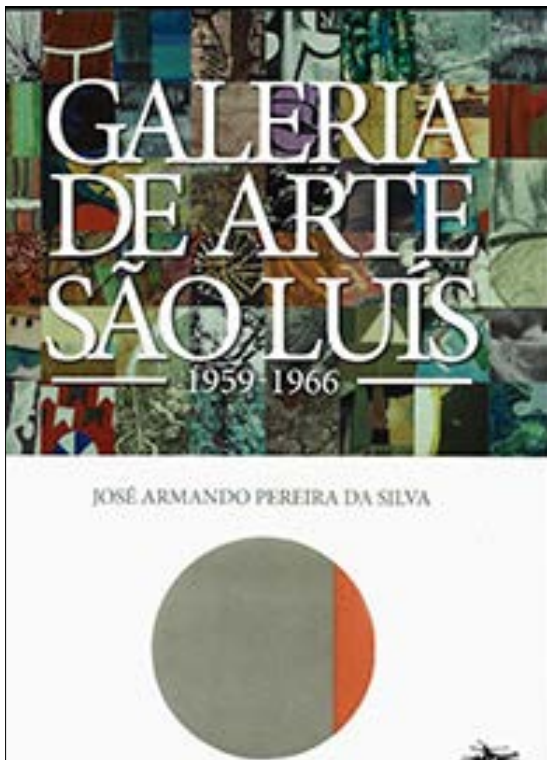
PALAVRAS-CHAVE: mercado de arte; São Paulo; Galeria São Luís.

ABSTRACT: This article presents the book that Armando Pereira da Silva dedicated to the São Luís Gallery, that was active in São Paulo between 1959 and 1966. Besides an introduction that contextualizes the gallery's action, the author dedicates analytical records to each exhibition and composes a rather broad view of the artistic trends and of the art criticism of the moment.

KEYWORDS: art market; São Paulo; São Luís Gallery.

Entre 1959 e 1966, período abarcado pelo livro *Galeria de Arte São Luís*, a vida cultural de São Paulo concentrava-se num pequeno perímetro da região central, compreendido entre a praça Ramos de Azevedo, na qual se destacava o Teatro Municipal, e a praça da República. Nesse espaço, estavam situadas a rua da Consolação, em que se erguia a Biblioteca Mário de Andrade, cuja seção de Arte abrigava o primeiro acervo modernista do Brasil; a rua Marconi, sede de algumas das principais livrarias da cidade (Teixeira, Jaraguá e Kosmos); a rua 7 de Abril, cuja principal atração era o Museu de Arte de São Paulo; a rua Barão de Itapetinga, pontilhada por outras lojas de renome dedicadas ao comércio de livros (Brasiliense, Parthenon, Livraria Francesa, Livraria Italiana); a avenida São Luís, que tinha o aspecto de um bulevar pela arborização com jacarandás e pela presença de mesas de bares e restaurantes nas largas calçadas e que, entre 1959 e 1960, ganhará a presença de três galerias de arte (KLM, São Luís e Atrium).

O circuito cultural contava ainda com as sedes de *O Estado de S. Paulo*,



Capa do livro *Galeria de Arte São Luís: 1959-1966*, de José Armando Pereira da Silva

na rua Major Quedinho, e dos Diários Associados, na rua 7 de Abril, com o teatro Cultura Artística, na rua Nestor Pestana, com a Livraria Duas Cidades e o Instituto de Arquitetos do Brasil, na rua Bento Freitas, com o mítico Cine Bijou, na praça Roosevelt, a partir de 1962, para não falar na Broadway paulistana localizada na avenida São João, com suas inúmeras



O casal Ernesto Wolf, empresário e colecionador, e sua esposa Libov Anguelova Wolf, a escultora Liuba (1923-2005) - Imagem do livro *Galeria de Arte São Luís: 1959-1966*



Avenida São Luís, década de 1960 - Imagem do livro *Galeria de Arte São Luís: 1959-1966*

salas de exibição. Não é por acaso, portanto, que o empresário Ernesto Wolf, a escultora Liuba, sua esposa, e Anna Maria Fiocca, que já dirigira a Galeria Domus (1947-1951), escolhem esse trecho do centro novo para inaugurar, em setembro de 1959, a Galeria São Luís.

Localizada na avenida São Luís, 130, a galeria tem uma história rica e diversificada que José Armando Pereira da Silva reconstrói através das exposições apresentadas até dezembro de 1966, cujo significado não se esgota nos eventos pontuais, haja vista a plêiade de críticos de arte que se dispuseram a apresentar novatos e nomes consagrados em catálogos e em matérias jornalísticas, publicadas sobretudo em *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*. Como esse material é apresentado na parte central do livro, o leitor tem a oportunidade de entrar em contato com aquele que o autor define o “‘pensamento plástico’ então dominante”, representado pelos “olhares autorizados de Sérgio Milliet, Lourival Gomes Machado, Pietro Maria Bardi, José Geraldo Vieira, Geraldo Ferraz, Wolfgang Pfeiffer, Mário

Schenberg, Mário Pedrosa, Walter Zanini, Theon Spanudis e Aracy Amaral”.

Se essa coletânea de “olhares autorizados” permite perceber que as atenções da crítica eram muito diversificadas, não se restringindo à disputa entre concretismo e neoconcretismo que, aparentemente, mobilizava os debates artísticos, outro mérito do livro é demonstrar, a partir de dados objetivos, que a presença feminina no circuito artístico da cidade não era tão marginal nem episódica. Pereira da Silva demonstra que dos noventa artistas apresentados pela galeria, vinte e um eram mulheres (Eleonore Koch, Gisela Eichbaum, Maria Leontina, Dorothy Bastos, Lisa Ficker Hoffmann, Fayga Ostrower, Elisabeth Nobiling, Gerda Brentani, Sheila Brannigan, Liuba Wolf, Anésia Pacheco e Chaves, Ismênia Coaracy, Mira Schendel, Miriam Chiaverini, Tomie Ohtake, Lúcia Suanê, Maria Polo, Mella Salm, Ely Bueno, Alice Brill e Marília Gianetti Torres).

Além disso, elas representaram praticamente metade dos expositores da mostra inaugural “Quarenta artistas

do Brasil” e se destacaram igualmente nas exposições de grupo organizadas pela galeria (“Estúdio Gravura”, 1961; “Coletiva de jovens artistas”, 1963 e 1964; “Coletiva de arte aplicada”, 1964). Participaram da primeira mostra nomes históricos do modernismo, como Tarsila do Amaral e Anita Malfatti, “com obras de impostação ingênua”,

distantes das “marcas renovadoras que haviam deixado na pintura brasileira”; representantes do abstracionismo informal (Maria Bonomi, Lisa Ficker Hoffmann, Yolanda Mohalyi, Fayga Ostrower, Liuba) e da vertente construtiva (Maria Leontina); além de artistas não alinhadas a nenhum grupo (Elisabeth Nobiling, Gerda Brentani,



São Paulo, anos 1960 - Imagem do livro *Galeria de Arte São Luís: 1959-1966*

Renée Sasson, Felicia Leirner, Moussia Pinto Alves, Tereza D’Amico, Anésia Pacheco e Chaves e Suanê).

A seleção apresentada na mostra inaugural estava em harmonia com a tendência predominante no momento, a abstração, mas “o objetivo mercadológico da galeria não se fixou aí”, como salienta o autor. Durante os sete anos em que esteve em atividade, a São Luís deu espaço ao abstracionismo, aos nomes históricos e a artistas emergentes, numa demonstração de abertura ao leque de linguagens então presentes no circuito



Emiliano Di Cavalcanti na abertura da exposição - Imagem do livro *Galeria de Arte São Luís: 1959-1966*



Frans Krajcberg e Flávio Shiró, imigrantes que se encontram em Paris - Imagem do livro *Galeria de Arte São Luís: 1959-1966*

artístico. Desse modo, Emiliano Di Cavalcanti, Flávio de Carvalho, Francisco Reboló Gonsales, Ernesto de Fiori, Ottone Zorlini ocupam o mesmo espaço de Flávio Shiró Tanaka, Samson Flexor, Antônio Bandeira, Arthur Luiz Piza, Maria Leontina, Henrique Boese, Fayga Ostrower, Thomaz Ianelli, Tomie



Alfredo Volpi, Gerda Brentani e Antônio Bandeira em noite de inauguração de exposição - Imagem do livro *Galeria de Arte São Luís: 1959-1966*

Ohtake, Maria Polo, Anatol Wladyslaw, e dos jovens Donato Ferrari, Nelson Leirner, Roberto de Lamônica, Sérgio Ferro, Miriam Chiaverini, José Roberto Aguilar, Tomoshigue Kusuno, só para dar alguns exemplos. Isso sem falar no Alfredo Volpi das bandeirinhas e dos mastros, em Marcelo Grassmann,

Aldemir Martins, Sérgio Camargo, José Antônio da Silva, Waldomiro de Deus Souza, German Lorca...

O leque de linguagens divulgadas pela São Luís pode ser reportado à característica fundamental do empreendimento, que garantiu sua atuação ao longo de sete anos: não ter sido guiado “pelo imediatismo comercial, que restringisse a programação a determinada tendência ou a nomes consagrados. Acolheu novos artistas, outros de menor notabilidade, além de visitantes de outros estados e de outros países que aqui aportaram praticamente desconhecidos. Pode-se aventar que essas escolhas representavam risco calculado, mas devem ser reconhecidas como aberturas de oportunidades ou apostas em talentos, que geralmente tinham um crítico conhecido como fiador”. O autor retoma a questão no final do capítulo de apresentação, quando aproxima a atuação de Wolf do mecenato, “motivada por sua intimidade com o meio artístico e pelo desejo de ter seu nome ligado a esse tipo de empreendimento”. Isso não exclui “o intuito de venda das



Anna Maria Fiocca em sua mesa de atendimento. Desenho de Aldemir Martins oferecido por ocasião de seu aniversário em 20.10.1959 - Imagem do livro *Galeria de Arte São Luís: 1959-1966*

obras expostas e a expectativa de retorno por parte dos artistas”. Infelizmente, a pesquisa não forneceu dados para avaliar “em que medida se cumpriu essa expectativa”.

Embora o cerne do livro sejam as exposições, as apresentações críticas e sua repercussão na imprensa, a pesquisa realizada por Pereira da Silva abre caminho para se pensar na contribuição dos imigrantes à constituição de novas oportunidades no campo artístico. Se essa análise já foi feita no caso do teatro e do cinema, ela está à espera de pesquisadores que se debrucem sobre o campo das artes visuais, para além do caso óbvio de Pietro Maria Bardi e Lina Bo Bardi. O trio constituído pelo alemão Ernesto Wolf, pela búlgara Liuba e pela italiana Anna Maria Fiocca representa um momento fecundo dessa contribuição, cuja análise merece ser levada adiante para descobrir outras facetas desse tema tão importante na modernização e na metropolização de São Paulo.

O autor fornece alguns dados que permitem bosquejar o perfil do

casal Wolf e de Fiocca e pensar na contribuição de cada um deles ao empreendimento. Ernesto Wolf chega ao Brasil em 1950, onde se envolve em diversos ramos de negócios, dentro os quais a empresa de mobiliário Forma. Liubov Anguelova Boyadjieva,



Interior da Galeria São Luís - Imagem do livro *Galeria de Arte São Luís: 1959-1966*

que se transfere para São Paulo em 1949, era uma artista com trânsito internacional e logo se integra ao circuito artístico paulistano, tendo sua primeira individual no ano seguinte na Galeria Domus. Ela e o marido organizam diversas coleções de

quadros, arte tribal, livros raros e peças de vidro. Anna Maria Fiocca, que imigra para São Paulo em 1946, já no ano seguinte, em sociedade com o marido Pasquale, abre a Galeria Domus, construindo uma rede de relacionamentos que “lhes assegurou especial posição na vida cultural de São Paulo”. Coube a ela incumbir-se dos aspectos administrativos e comerciais do empreendimento, ao qual Wolf garantia o lastro financeiro. Como ela parece ser a figura central da iniciativa, vale a pena buscar dados suplementares sobre sua trajetória num livro anterior de Pereira da Silva dedicado à Galeria Domus (2016).

A vinda do casal Fiocca ao Brasil foi determinada pela amizade de Pasquale com um sobrinho do industrial Francisco Matarazzo, Ferdinando. O projeto de abrir uma loja de arte e antiguidades a partir das obras trazidas na bagagem pelo amigo Alfredo Bonino tem breve duração, mas isso não desencoraja o casal, que se integra no circuito cultural da cidade graças aos contatos com a família Matarazzo e com outros empresários de origem

italiana, dos quais recebem “um discreto apoio”. Ernesto Wolf está entre os clientes da galeria, que não atinge, no entanto, um volume de vendas sustentável, fechando as portas em 1951. A existência da galeria é garantida, em parte, pela atividade paralela de produção de tecidos artesanais, a princípio, no interior da tecelagem Matarazzo e, posteriormente, numa fábrica própria localizada no Sumaré. Os tecidos eram vendidos na Domus, que foi dividida em dois espaços.

A Galeria Domus, que parece ter sido o ponto de encontro dos protagonistas da aventura da São Luís, exhibe em seu espaço muitos dos artistas que serão apresentados no empreendimento posterior – Di Cavalcanti, Volpi, Ficker Hoffmann, Rebolo, Nobiling, Flexor, Brentani, Maria Leontina, Liuba, Ely Bueno, Pacheco e Chaves, Wladyslaw, Flávio de Carvalho, só para dar alguns exemplos –, evidenciando uma espécie de continuidade garantida pela presença de Fiocca.

Livro rico em fontes primárias, que vão ajudar a estruturar um panorama

mais variado da arte e da crítica na passagem da década de 1950 para a seguinte, *Galeria de Arte São Luís: 1959-1966* cumpriu seu papel ao levantar a presença de atores tão variados no circuito artístico da cidade e sua contribuição a uma compreensão mais ampla do cenário cultural.

REFERÊNCIAS

Silva, José Armando Pereira da. *Galeria de Arte São Luís: 1959-1966*. São Paulo: Estação Liberdade, 2025, 288 p., il.

Silva, José Armando Pereira da. *Artistas na metrópole: Galeria Domus, 1947-1951: história, críticas, documentos e obras*. São Paulo: Via Imprensa Edições de Arte, 2016.

ANNATERESA FABRIS

Crítica de arte, historiadora e professora titular aposentada da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Publicou diversos livros sobre arte moderna e contemporânea e sobre fotografia. Entre suas últimas publicações, destacam-se *A fotografia e a crise da modernidade* (2015), *Fotografía y artes visuales* (2017), *Realidade e ficção na fotografia latino-americana* (2021). Integra a Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA) e a Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA).

JOSÉ ARMANDO PEREIRA DA SILVA

Crítico de arte e curador. Colaborador do *Diário do Povo* e *Correio Popular* de Campinas, foi também redator e crítico do *Diário do Grande ABC*, em Santo André, onde participou da organização dos primeiros salões de arte contemporânea. Organizou e apresentou exposições do Grupo Vanguarda, de Campinas, em São Paulo e outras cidades. Em 2017 foi curador da exposição “O Mercado de Arte em São Paulo, 1947-1951”, apresentada no Museu de Arte Moderna de São Paulo e no Espaço Cultural da CPFL, em Campinas.

Publicou, entre outros, *Província e Vanguarda; Thomas Perina, pintura e poética* (com Dayz Peixoto Fonseca); *Artistas na metrópole: Galeria Domus, 1947-1951; Massao Ohno, Editor*. Organizou, entre outros, *Luís Martins, um cronista de arte em São Paulo* (com Ana Luisa Martins); *José Geraldo Vieira – Crítica de arte na revista Habitat; Autobiografia de Raphael Galvez*.